



ENTREVISTA COM SIMONE DE BEAUVOIR

Entretien avec Simone de Beauvoir (20 juin 1978)¹

Yolanda Astarita Patterson²

Tradução de Eliana de Moura Castro³

YOLANDA A. PATTERSON - Um assunto que me interessa muito é como você trata a idade da mulher nas suas obras. Você acha que a idade tem mais importância para a mulher que para o homem?

SIMONE DE BEAUVOIR - Eu acho que de certo modo, na medida em que a mulher valoriza seu físico e o amor que ela pode inspirar, é mais importante para ela, porque uma mulher de cinquenta anos é considerada menos desejável como objeto do que um homem de cinquenta anos. Mas por outro lado, isso também pesa muito para o homem, sobretudo quando ele se torna realmente velho, porque, como ele está acostumado ao poder, à atividade fora de casa, se é privado dessas atividades pela aposentadoria, se perde seu estatuto social, então ele sofre muito mais que a mulher, no final das contas. Eu diria que, não sei, é, grosso modo, mas digamos em torno de quarenta, cinquenta anos, talvez seja

¹ Esta entrevista foi originalmente publicada em *The French Review*, v. LII, n. 5, April 1979, pp 745-754 (Published by: American Association of Teachers of French. Printed in U.S.A.). Nossos sinceros agradecimentos pela permissão para a tradução ao português e publicação desta entrevista a Sylvie Le Bon de Beauvoir, a Profa. Yolanda A. Patterson e aos editores da AATF, especialmente ao Prof. Edward Ousselin (*Editor in Chief, The French Review*). Nossos especiais agradecimentos à tradutora, Profa. Eliana de Moura Castro.

Merci beaucoup de votre gentillesse.

² Professora emérita de francês e de estudos feministas (*Women's Studies*), da Universidade Hayward da Califórnia, EUA. Presidente de *Simone de Beauvoir Society* e Editora da revista *Simone de Beauvoir Studies*.

³ Professora do Departamento de Psicologia da FAFICH.UFMG, Brasil. Psicanalista, atualmente residente em Paris.

mais duro para a mulher envelhecer, mas aos sessenta, setenta anos, é mais duro para o homem.

YOLANDA A. PATTERSON - Nas suas obras, eu acompanhei a idade da mulher durante décadas, começando pela menina de dez anos. Em *As Belas imagens*, Catherine parece tão entristecida pelo mundo que ela começa a compreender. Você acha que as meninas começam a perceber...

SIMONE DE BEAUVOIR - Creio que há muitas crianças que percebem... Porque elas não mentem para si mesmas, como seus pais se mentem, os quais se acostumaram com tudo, e as crianças sentem certas coisas de modo muito mais intenso que os adultos que os cercam e que já engoliram tanta coisa que isso não os toca mais.

YOLANDA A. PATTERSON - O que os pais podem fazer para impedir seus filhos de ter essa percepção da miséria?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não penso que se deve impedi-los. É preciso lhes explicar um pouco como é o mundo, e lhes explicar precisamente o que se poderia talvez fazer. É preciso lhes explicar um pouco, mas não é preciso lhes esconder as coisas, eu acho.

YOLANDA A. PATTERSON - Você disse que há uma riqueza extraordinária nos vinte primeiros anos da vida feminina e que depois pode ser quase o fim, sobretudo se a mulher se casa, não é?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, sim, certamente. Se ela tem filhos, é o fim da carreira, geralmente ela para. Há uma grande distância entre tudo que pode esperar uma adolescente que ama as coisas, que ama ler, que ama estudar etc. e depois, quando ela tem de fazer faxina, com os filhos, etc., há muitas coisas que morrem nela.

YOLANDA A. PATTERSON - Será que se pode evitar isso, mesmo sendo mulher e mãe, se se tem uma carreira, por exemplo?

SIMONE DE BEAUVOIR - Eu penso que a carreira ajuda enormemente porque obriga a ficar em contacto com o mundo. Naturalmente, há também trabalhos que são penosos demais, como o trabalho das operárias; é muito complicado o trabalho, é, ao mesmo tempo, liberador e um pouco uma escravidão. Então há os dois aspectos.

YOLANDA A. PATTERSON - Então, de preferência, uma carreira na qual é necessário um certo esforço intelectual?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah sim, isso é mais enriquecedor, claro. Mas o trabalho propriamente dito, o trabalho explorado, isso não traz grande coisa para a mulher no final das contas.

YOLANDA A. PATTERSON - O que você considera a força da idade? Você empregou esse título para sua autobiografia.

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, sim eu diria em torno de... de vinte e cinco a quarenta anos, digamos. Alguma coisa assim.

YOLANDA A. PATTERSON - Na idade de trinta anos, temos Françoise em *A Convidada*. Você pensa que é nessa idade que se começa a pensar que se está perdendo a juventude?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, não necessariamente, não, não acho. Não. Françoise não pensa realmente que está perdendo sua juventude. Ela pensa que está entrando na vida adulta, que já entrou e que isso lhe é penoso porque... ela encontra muita beleza na juventude, que é completamente aberta a tudo, enquanto que ela já está comprometida na vida de casal, ela tem o amor, uma carreira etc., mas ela não tem mais a liberdade de uma moça de dezessete anos.

YOLANDA A. PATTERSON - Que idade tem mais ou menos Laurence em *As Belas Imagens*?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, eu diria em torno de quarenta, trinta e oito anos. Porque ela tem uma filha já grande. Sim, ela deve ser ainda jovem, Laurence, digamos que tem trinta e oito anos, talvez.

YOLANDA A. PATTERSON - E a idade de quarenta anos, com Anne Dubreuilh, por exemplo, em *Os Mandarins*, é o fim de uma certa fase na vida feminina?

SIMONE DE BEAUVOIR - Quarenta anos? Não creio, não. Quer dizer, não há regra para isso, depende muito da saúde da mulher, de suas oportunidades, de sua relação com o mundo, um monte de coisas, afinal.

YOLANDA A. PATTERSON - Então porque Anne Dubreuilh pensa em se suicidar no fim do romance?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, bem, não é porque ela está velha, é porque o mundo lhe pesa muito, porque sua relação com Brogan na América não deu certo, porque... é tudo isso que contribui, é a totalidade do livro que explica um pouco isso.

YOLANDA A. PATTERSON - Ela se olha no espelho e pensa que está envelhecendo, não é?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah não, não é isso. Não é por causa disso.

YOLANDA A. PATTERSON - Parece que não há muito futuro para ela, mesmo com a carreira bem sucedida.

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, ela tem uma profissão também, à qual não se prende muito. E além disso, o andamento do mundo não é alegre para ela e ela sente que o que se passa no mundo é alguma coisa triste, com certeza.

YOLANDA A. PATTERSON - Você escolheu a idade de quarenta e três anos para Murielle em “Monólogo” e para Monique em “A Mulher desiludida”. Eu me perguntei por que especificamente quarenta e três anos, ou se foi por acaso.

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, acho que foi por acaso. Poderia ter sido quarenta e um, quarenta e dois.

YOLANDA A. PATTERSON - Eu pensei que é em torno do final da utilidade biológica da mulher, e me perguntei se seria realmente por isso.

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, quer dizer, aos quarenta anos, para a “mulher desiludida”, suas filhas já saíram de casa, elas não têm mais necessidade dela etc. Então ela não tem mais as coisas que podem prender uma mulher à sua vida. Era uma mãe de família. Ela não é mais útil para ninguém. É isso.

YOLANDA A. PATTERSON - E na idade de cinquenta anos, você sugeriu que a gente começa a aceitar um pouco mais a ideia da morte, da sua própria morte.

SIMONE DE BEAUVOIR - Acho que isso depende muito de cada caso particular. Há mulheres que não aceitam jamais a morte, e há outras que aceitam mesmo muito jovens, pois há mesmo as que se suicidam. Eu acho que toda mulher, e todo homem, aliás, tem a impressão, num certo momento de sua vida, de atravessar uma determinada linha em que muitas coisas que podia fazer não pode mais, que o futuro está barrado agora, que ele não é mais indefinido, mas isso depende muito também da saúde. Pode-se passar essa linha muito cedo, digamos com trinta ou quarenta anos, ou pode-se passá-la muito mais tarde, com sessenta anos, talvez setenta. Se estamos com boa saúde e engajados nas coisas... depende muito dos casos particulares.

YOLANDA A. PATTERSON - Para sessenta anos, “A idade da Discrição” talvez seja a única das suas obras de ficção em que há uma mulher mais ou menos dessa idade. Você poderia caracterizar a idade de sessenta anos?

SIMONE DE BEAUVOIR - Isso depende tanto das pessoas. Nesse caso, trata-se de dois intelectuais, sendo que ele pensa que os cientistas não inventam mais nada a partir de sessenta anos. As grandes invenções, em geral, são feitas quando a pessoa é muito jovem, na matemática, ou na física ou em outra matéria. E a mulher, quase que já acabou de fazer seu trabalho, ela não tem mais muita coisa para fazer agora.

YOLANDA A. PATTERSON - Mas é necessário acabar de fazer seu trabalho na idade de sessenta anos ou mesmo mais tarde?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não, não é necessário, mas pode acontecer que a pessoa sinta que realmente naquele momento ela não tem mais nada de importante, de essencial a dizer. Isso depende também dos casos.

YOLANDA A. PATTERSON - E então, finalmente, a idade de setenta anos. Agora há tantas mulheres que vivem muito mais tempo que isso! Nesse momento, pode ela verdadeiramente aproveitar dos seus talentos, de sua inteligência e da saúde que lhe resta?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, creio que sim. Para mim o que é mais doloroso é que o futuro é muito curto. Não se pensa mais em ter um grande futuro, então a gente não vai mais, nem as mulheres, nem os homens, aliás, investir em grandes trabalhos, que exigiriam dezenas de anos. Ao passo que quando se tem vinte ou trinta anos...

YOLANDA A. PATTERSON - Mudando de assunto, gostaria de saber qual é o papel que você vê para a família na sociedade moderna atual.

SIMONE DE BEAUVOIR - Para mim, acho que a família não existe.

YOLANDA A. PATTERSON - Mas você teve uma infância muito feliz.

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, mas não é uma razão para achar que a família... A família, na realidade, há essas duas pessoas que estão juntas, esses dois adultos com as crianças que estão em seu poder; não acho que seria um modo de vida muito feliz. Penso nas pessoas que procuram as comunidades, por exemplo, e é muito raro que dê certo, mas mesmo assim, há uma procura que é interessante por esse lado.

YOLANDA A. PATTERSON - Você mostra as mães, sobretudo em *A Mulher Desiludida*, como sendo excessivamente possessivas com os filhos. Você acha que é sempre assim?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, é frequentemente assim. Acho que é muito frequentemente assim, sobretudo quando as mulheres não têm nada além do lar. Se elas trabalham fora, ficam menos no pé dos filhos e, além disso, têm um horizonte um pouco mais aberto. Mas as que são exclusivamente donas de casa só têm isso e então exercem o poder sobre o filho.

YOLANDA A. PATTERSON - Você não acha que há muitos adolescentes que passam por certa fase em que se revoltam contra os pais, mas que retornam, não necessariamente para estar de acordo com os pais, mas para ser pelo menos afetuosos, para preservar um sentido de família?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, quando os pais não têm mais poder sobre eles, então podem muito bem retornar, de forma amistosa, pois os pais não dão mais ordens, os deixam em paz.

YOLANDA A. PATTERSON - Você disse em *Balanço Final* que a vida em família é só uma monotonia cotidiana. Não se pode ter uma vida de família que não seja uma monotonia cotidiana?

SIMONE DE BEAUVOIR - Talvez. Mas isso deve ser muito raro. Não, todos os casos que eu vi, não. Se os pais têm profissões interessantes, engajamentos políticos, ou alguma coisa, então isso muda.

YOLANDA A. PATTERSON - E a respeito do casamento, ainda a questão do seu lugar na sociedade moderna.

SIMONE DE BEAUVOIR - Eu também sou contra o casamento. Eu não me casei e, bem, sei que há casamentos que funcionam bem, mas, enfim, no todo, na sociedade tal como ela é, a mulher é mais ou menos a empregada do homem.

YOLANDA A. PATTERSON - Você acha que a mulher casada é um ser relativo?

SIMONE DE BEAUVOIR - Talvez não necessariamente, mas em geral. E mesmo quando ela trabalha fora, é obrigada, assim mesmo, além das tarefas de fora, a fazer também as da casa.

YOLANDA A. PATTERSON - Evidentemente você teve uma relação muito especial com Sartre durante toda sua vida, mas será que há muitos casais assim, que podem ter essa espécie de relação livre, sem se magoar um ao outro?

SIMONE DE BEAUVOIR - Bem, como todas as combinações possíveis que se pode imaginar, essa tem suas dificuldades. Eu não digo que é muito fácil, nem que pode acontecer, que qualquer um pode encontrar isso. Mas, no fim de contas, os casais que vivem juntos se traindo mais ou menos, se mentindo etc., não são mais felizes.

YOLANDA A. PATTERSON - Você mostrou Lucienne, em “A Mulher desiludida”, como uma moça completamente livre, mas que se impede de amar alguém por medo de ser magoada. No que diz respeito às relações entre dois seres humanos, você acredita que a comunicação existe?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, sim, certamente! Eu sempre acreditei nisso. Há talvez coisas que cada um guarda para si, e mesmo há coisas que não se diz talvez nem para si mesmo, e então não se pode dizer para o outro. Mas eu penso que a comunicação pode muito bem existir se as pessoas tentam ser transparentes uma para a outra.

YOLANDA A. PATTERSON - Entre homem e mulher, você falou da ideia de se dizer tudo, da impressão de ser um único ser, e Sartre também. Mas em *A Idade da Razão*, com Mathieu e Marcelle, isso não funcionou. Pode-se estabelecer uma associação na qual podemos comunicar sem que seja só a ilusão de se dizer tudo?

SIMONE DE BEAUVOIR - Isso depende das pessoas. Há alguns que podem e outros não. Depende. Mas finalmente não creio *a priori* que a comunicação seja impossível.

YOLANDA A. PATTERSON - E entre duas mulheres, a comunicação talvez seja mais difícil?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, deve ser mais fácil para duas mulheres. Porque há muitas coisas que as unem, e há muitas coisas que elas conhecem do interior. Cada uma conhece o que é a condição feminina. Deve ser mais fácil. Aliás, há muitas amizades entre mulheres que se formam neste momento, justamente graças, em parte, ao feminismo. É uma das coisas que as ajudam a se falar, a se reconhecer. Eu vejo muitas mulheres que são muito, muito unidas entre si, e que se falam.

YOLANDA A. PATTERSON - Você falou da reserva que existia entre você e Zazá quando vocês eram jovens.

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, mas isso era na juventude.

YOLANDA A. PATTERSON - E mais tarde não se tem mais essa reserva?

SIMONE DE BEAUVOIR - É isso. A gente aprendeu um pouco a se falar, a se compreender, a gente não é mais bloqueada como no início da adolescência.

YOLANDA A. PATTERSON - O que você achou da comunicação entre professor e aluno? Achou que havia uma verdadeira comunicação?

SIMONE DE BEAUVOIR - Com algumas alunas, tive uma verdadeira comunicação. Aliás, algumas se tornaram realmente amigas que eu conservo até hoje. Mas durante os cursos, sendo eu professora, não há, pois, uma situação de reciprocidade. Há uma superioridade que os alunos aceitam ou não aceitam, mas que resulta que não estamos em pé de igualdade.

YOLANDA A. PATTERSON - Então é difícil estabelecer uma verdadeira comunhão?

SIMONE DE BEAUVOIR - É muito difícil. Foi principalmente com antigas alunas que tive relações de verdadeira comunicação. Mas na própria época em que eu dava aula, não, eu tinha muito... é uma espécie de opressão que o saber, num certo sentido eu as oprimia com o meu saber.

YOLANDA A. PATTERSON - E entre escritora e leitor ou leitora, a comunicação...

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, algumas vezes, sim. A gente encontra às vezes leitores que realmente compreendem, muito melhor, por exemplo, que os críticos, que as pessoas assim.

YOLANDA A. PATTERSON - Você, e Sartre também, vocês falaram muito do outro, não é? Vocês têm sempre essa impressão de que o outro é alguém que está julgando... o olhar do outro e tudo isso?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, eu nunca pensei realmente que os outros me julgavam. Isso não me incomoda. Não creio que Sartre tenha realmente pensado tampouco. As

peessoas que sentem culpa, as pessoas que veem juízes em toda parte, talvez tenham suas razões para ser assim, mas eu não sou assim de todo, e acho que Sartre também não.

YOLANDA A. PATTERSON - Com Xavière e Françoise, não é, era para a ideia da existência do outro que você chama a atenção em *A Convidada*?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, exatamente, mas eu era muito jovem então. Eu tinha realmente essa impressão, que no final das contas eu existia... quando descobri que outros existiam tanto quanto eu, mas não sabia ainda justamente estabelecer a reciprocidade, embora eu a tivesse com Sartre. Mas há casos nos quais a reciprocidade se recusava, e então nesse momento a consciência se tornava inimiga.

YOLANDA A. PATTERSON - Você acha que a comunicação é possível entre duas pessoas, digamos, do mesmo nível intelectual, mas que não concordam politicamente?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, isso me parece muito difícil. Porque, estar de acordo politicamente implica toda uma visão do mundo, toda uma concepção do mundo e das ideias sobre a condição humana e, enfim, a respeito de tudo. Então, se há verdadeiramente um desacordo sobre tudo, não vejo como se poderia comunicar.

YOLANDA A. PATTERSON - Para a comunicação, o papel dos “*mass media*”... Fiquei muito interessada ao ver que o “Monólogo” de *A Mulher desiludida* foi dramatizado e que foi feito um filme baseado em *A Velhice*. Você pensou fazer outras coisas, por exemplo, com os seus romances?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, sim, gostaria muito que fizessem *A Convidada*. Acredito que vai ser feito. Ainda não se pode dizer, mas me parece bem encaminhado.

YOLANDA A. PATTERSON - Você disse que não tem televisão e que não terá jamais. Ainda é o caso?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, ainda é o caso. Mas na casa do Sartre tem uma e às vezes de noite nós assistimos, quando há bons filmes; eles passam frequentemente velhos filmes da nossa época ou mesmo anteriores ou mais recentes, e então às vezes nós ficamos vendo o filme.

YOLANDA A. PATTERSON - Eu fui ver a dramatização de “Monólogo” no café-teatro, na outra noite, com uma amiga que ficou um pouco incomodada com a linguagem da Murielle. Você acha que há momentos em que é necessário usar uma tal linguagem para atingir um certo público?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não, era para mostrar uma certa mulher, que aliás eu creio que eles não compreenderam de todo, porque para mim é uma mulher muito cruel e todos os seus discursos são de uma mulher cruel, ao passo que acho que eles a transformaram em uma vítima. Para mim era uma mulher cruel. É claro que talvez seja uma vítima de um monte de coisas na sua vida, porque não se é cruel impunemente; ela deve ter sofrido de

muitas coisas na sua vida, mas o que ressalta é o veneno, esse monólogo é uma cusparada de veneno.

YOLANDA A. PATTERSON - No que concerne a arte de escrever, você ainda tem a mesma fé na importância de comunicar as ideias por escrito?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, sim, continuo acreditando que isso é importante, claro.

YOLANDA A. PATTERSON - Qual é o interesse em transpor suas experiências sob a forma de ficção? Você disse que prefere *O Segundo Sexo* e sua autobiografia a tudo o mais que escreveu, mas você escreveu muita ficção também.

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, mas eu gosto também de *Os Mandarins* mesmo assim, e também de *A Convidada*. A ficção permite dizer muitas coisas que não podem ser ditas diretamente sobre si mesma.

YOLANDA A. PATTERSON - Será que há uma espécie de catarse quando se escreve ficção?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, às vezes, às vezes. Eu disse isso, aliás, sobre *A Convidada*, que certamente era uma espécie de catarse. Eu me livrava de tudo que tinha sido desagradável numa história que, por outro motivo, se tornou uma amizade muito grande. Mas havia certamente uma catarse.

YOLANDA A. PATTERSON - E na morte de Zazá contada na autobiografia, era o mesmo tipo de coisa?

SIMONE DE BEAUVOIR - Talvez um pouco. Sim, um pouco.

YOLANDA A. PATTERSON - Sartre parece ter decidido que a literatura não é a forma de expressão que ele quer utilizar. A última coisa que ele escreveu foi *Sequestrados de Altona* e já faz quase vinte anos agora. Vocês não parecem estar de acordo sobre isso.

SIMONE DE BEAUVOIR - Mas, no geral, Sartre sempre deu um espaço enorme à literatura, deu mesmo mais do que eu, pois realmente toda sua vida está baseada nisso.

YOLANDA A. PATTERSON - Mas não à obra de ficção atualmente.

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, creio que agora ele realmente se interessa menos pela ficção.

YOLANDA A. PATTERSON - Você pensa que uma obra de ficção tem de ser mais ou menos autobiográfica para ter êxito?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não, não acho. Penso que, de todo modo, a autobiografia deve ser posta à distância, porque se está muito próxima da vida real, ela não pode trazer

uma dimensão do outro que a ficção deve trazer. Acho que pode estar bastante longe da autobiografia e ser um êxito. Agora, naturalmente, mesmo se a gente toma personagens que estão muito longe, a gente sempre põe alguma coisa da própria experiência. É impossível não botar nada da própria experiência, mesmo se as histórias contadas são completamente imaginárias.

YOLANDA A. PATTERSON - Foi mais difícil para você escrever *A Mulher desiludida*, porque isso me parece mais afastado da sua experiência pessoal?

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, mas, apesar disso, não foi difícil porque conheci muitas mulheres que estavam nessa situação e, no final das contas, a gente pode ter simpatia, sentir empatia em relação a outras pessoas. Então a gente pode viver as coisas através de outras pessoas.

YOLANDA A. PATTERSON - Você vê uma espécie de salvação, de imortalidade, na literatura?

SIMONE DE BEAUVOIR - Ah, não, certamente não.

YOLANDA A. PATTERSON - Eu encontrei essa ideia no final de *A náusea*, a ideia de encontrar uma salvação criando alguma coisa.

SIMONE DE BEAUVOIR - E eu também tinha essa ideia quando era jovem, mas, de fato, agora não trataria mais dessa noção de salvação. Não sei muito bem o que quer dizer.

YOLANDA A. PATTERSON - E a imortalidade também não?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não, isso não me interessa muito. Porque a gente não conhece as pessoas que virão depois de nós. Como Sartre disse justamente em *Sequestrados de Altona*, talvez sejam umas espécies de caranguejo, não se sabe de todo o que acontecerá.

YOLANDA A. PATTERSON - No que concerne a morte, você acha que há uma mudança de atitude em relação à morte na nossa sociedade moderna? Você acredita que a gente progride, agora, falando mais abertamente da morte?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não creio, não. Porque penso que o que se deve fazer, por exemplo, é permitir aos velhos, se eles quiserem, aos doentes, de se suprimir. Mas não se permite. Para mim, a eutanásia é uma coisa muito importante. Alguns médicos corajosos falam disso. Mas, de fato, tudo fica igual, os velhos ou os doentes continuam maltratados nos hospitais, nos asilos, e morrem sempre na maior solidão.

YOLANDA A. PATTERSON - Você escreveu um livro inteiro sobre a velhice. Você vê alguma coisa que a sociedade pode fazer para tornar a velhice menos dolorosa?

SIMONE DE BEAUVOIR - É necessário que tudo seja completamente modificado. Completamente modificado, porque o que se deveria fazer é parar de explorar os homens a vida inteira, de tal forma que, quando se acaba de explorá-los, eles não são mais nada.

Então é preciso modificar tudo, não apenas ajudar os velhos quando eles são velhos e acabados, mas é toda a vida deles, desde o nascimento, que se deve tornar diferente. Se você se interessa pela velhice, você deveria ver meu filme. Enfim, não é meu filme, é um filme de uma sueca, Marianne Ahrne, no qual eu participei.

YOLANDA A. PATTERSON - O filme se chama “A velhice”?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não, ele se chama “Passeio no país da velhice”. Eu falo várias vezes no filme, justamente sobre a morte, sobre a velhice, sobre um monte de coisas.

YOLANDA A. PATTERSON - No que concerne a burguesia, você sempre diz que detesta a burguesia. Não vê nenhum papel para a burguesia na sociedade moderna, para os intelectuais liberais, por exemplo, que talvez tenham boa vontade para melhorar o destino dos homens?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não. Quando são realmente burgueses, eles querem manter a sociedade tal como ela é. Eu os compreendo muito bem, porque eles têm todas as vantagens, os privilégios, mas eu penso que precisamente seria necessário suprimir esses privilégios e transformar verdadeiramente a sociedade.

YOLANDA A. PATTERSON - Você acredita que isso é possível no futuro próximo?

SIMONE DE BEAUVOIR - Isso eu não sei. Temo que não.

YOLANDA A. PATTERSON - Você disse na sua autobiografia que você é realmente otimista, mas em *Mulher desiludida*, por exemplo, e em outras obras, você mostra um ponto de vista bastante pessimista. Você pode definir um pouco seu otimismo?

SIMONE DE BEAUVOIR - Bem, meu otimismo é pessoal, quer dizer, sou otimista na medida em que gostava do que fazia, acreditava no que eu fazia, amava a vida, enfim, amo ainda. Isso é otimismo. Mas isso não impede de ver que há coisas horríveis no mundo, sejam grandes ou pequenas infelicidades, como existe tanto, como é justamente o caso em *Mulher desiludida*.

YOLANDA A. PATTERSON - Você disse recentemente, a respeito da mulher, que não houve muito progresso desde a publicação de *Segundo Sexo*. Mas há certas coisas, a pílula por exemplo, mais carreiras para as mulheres...

SIMONE DE BEAUVOIR - Sim, é isso, há pelo menos a contracepção, o aborto, que são um pouco mais difundidos, mas enfim é preciso ver como são aplicados. Há ainda muita resistência, muitos médicos que não aceitam fazer aborto, muitos médicos que não querem receitar a pílula contraceptiva. Ainda não está realmente difundido, generalizado e fácil. É um progresso, e certamente um pequeno caminho está sendo aberto aqui. A mulher deve poder dispor do seu corpo. Isso seria realmente um progresso.

YOLANDA A. PATTERSON - Você constatou que a violência contra as mulheres aumenta atualmente por causa da independência feminina. Não seria simplesmente que se fala mais disso?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não, não. Evidentemente se fala muito mais disso, mas por outro lado... eu, quando me lembro da minha juventude, ou a da minha irmã, ou das amigas da nossa idade, quando tínhamos dezoito, dezenove anos, podíamos passear nas ruas. A gente era às vezes um pouco agredida, um pouco irritada pelas pessoas, mas, enfim, isso não ia muito longe, enquanto que agora, todas as jovens dizem que é absolutamente detestável, que são agredidas o tempo todo.

YOLANDA A. PATTERSON - Você ainda tem tanta confiança na boa vontade das pessoas como tinha quando caminhava, sozinha, grandes distâncias, perto de Marselha?

SIMONE DE BEAUVOIR - Tenho muito menos agora. Sou muito mais desconfiada. Quando me lembro do que fazia com vinte, vinte e cinco anos, não faria mais. Realmente eu fiz imprudências e tive muita sorte de não ter tido problemas sérios. E acampar sozinha com fazia é muito perigoso. Nunca mais faria isso. Acho que a vida para as mulheres é muito mais travada do que no meu tempo. Quando penso no meu passado e vejo como vivem as jovens hoje em dia, acho que elas são muito, muito menos livres.

YOLANDA A. PATTERSON - Mas o que se pode fazer para proteger as mulheres hoje?

SIMONE DE BEAUVOIR - Seria necessário mudar a mentalidade dos homens. Mas ela não está pronta para essa mudança.

YOLANDA A. PATTERSON - Você trabalha nesse momento em alguma coisa especial?

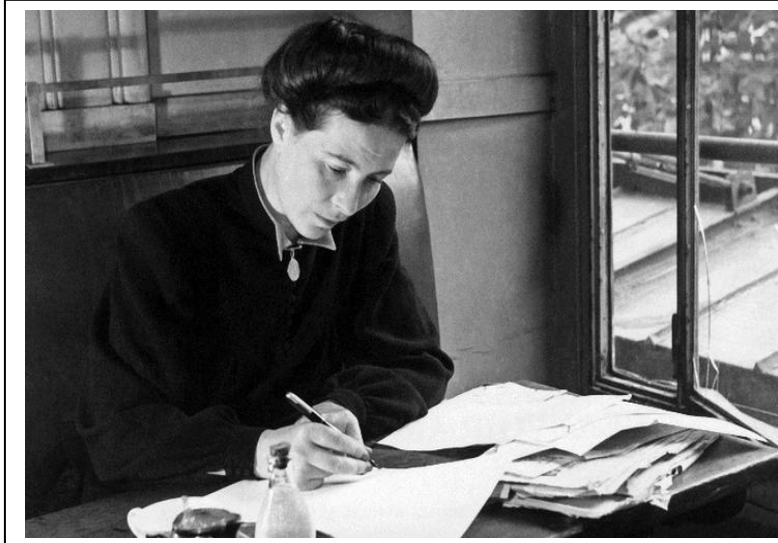
SIMONE DE BEAUVOIR - Não porque estão fazendo um filme sobre mim, o que me interessou, um pouco algo equivalente ao filme que fizeram sobre Sartre. Mas não da mesma maneira. Então, houve um monte de entrevistas e eu investi bastante nisso. É a jovem diretora que fez *Mulher desiludida* para a televisão que também fez o filme sobre mim. Mas ele ainda não está montado.

YOLANDA A. PATTERSON - Uma última pergunta. A felicidade é abordada em *As belas imagens*, em todas as obras. Você tem uma definição especial da felicidade?

SIMONE DE BEAUVOIR - Não, claro que não tenho definição!

YOLANDA A. PATTERSON - Mas sua ideia pessoal do que representa a felicidade...

SIMONE DE BEAUVOIR - É preciso que haja dias em que a gente está contente, é preciso a amizade e o amor, e também o trabalho, e também, evidentemente, para mim, como intelectual, viagens, leituras etc. É tudo isso que me parece necessário para se ter felicidade.



Simone de Beauvoir. Anos 50 e 70



Professora Yolanda A. Patterson.
2013